

Adair Carvalhais Júnior

todo poema é um risco
lançado sobre o
nada

biografia VII – estrangeiro

da beira
rio ao rés das
montanhas do calor
ardente aos ventos
do vale frio meu corpo de
menino pronto se
acostumou

minhas retinas úmidas
jamais

terno

sobre teu ventre traços
da lua pelo
vão da
janela

meus olhos desamparados
vestígios
dos
dias

íntimo

madrugada resto
de luz arranha a
escuridão súbito um

sorriso roça o
lençol

nada mais pode nos
iluminar

lagoa

Procuro-te tanto... sou, por entre as estrelas,
toda a escuridão.

José P. di Cavalcanti Jr.

inalcançáveis teus
olhos luziam sobre a
superfície da água
fria

deserto de luz cansado de ti
desejar padeço
quieto
às margens

o sol que se
despedaça na janela não
me ilumina em
mim sombra

e uma enormidade
de silêncios

erosão

amei você na superfície
da manhã e na escuridão mais
funda da
noite amei com uma

força que não
tinha e um corpo inteiramente
desconhecido

amei com minhas melhores
lágrimas e toda a
poesia que pude
inventar amei você mesmo não

compreendendo cada
vez mais
só

um dia tudo

se

esvai

fim
para Lau
pelo silêncio

o que me sobrou daquela
madrugada imensa
e sem lua uma

garrafa ao meio um tremor
sutil nos
olhos no
máximo uma

recordação
inconclusa

corpo

luto

pouco mais que teu
sorriso entre as
notas derradeiras da
noite nem
mesmo o odor dos
sonhos na
pele

recado

fosse apenas saudade não
seria a
cama tão fria nem tão
curtas as
madrugadas

esta dor pelo corpo
inteiro sem começo nem
fim

varanda

do outro lado da
rua nada me
espia acompanho

mudo a
noturna calma
da
cidade

do lado de cá nada
me
alcança deito

me só no
meu
vasto
deserto

biografia XXI – angústia

quando nasci fazia um atordoante
calor e o rio
doce coalhava-se de pássaros
desesperados quando me

casei disseram vai
engordar ficar careca colocar
gravata como todos
senhores respeitáveis

pedro e alice cresceram as
árvores que plantei já
dão sombra mas não
encontro em lugar

algum aquele que
deixei na beira
do rio nem nos meus cabelos
brancos as flores do

limoeiro a correria das
crianças no quintal da
minha
infância

frágeis

teu sorriso por
trás da janela uma
estrela entre duas
nuvens o
pio
da
coruja

um pouco de teu
calor no travesseiro um arco
íris de manhã o
pote quase
cheio meus mais
tolos
devaneios

ilhas

talvez ainda possamos ser
felizes mesmo que nossos
olhos não mais se

encontrem e os sonhos sejam tão
sem
sentidos

talvez ainda que não nos
reconheçamos em nenhum
de nós e que todo

futuro não
nos
sirva

mesmo os sorrisos cada
vez mais envergonhados os
corpos sem

nada para
recordar talvez
possamos

ainda

biografia X – parede

no vale outrora frio e
estrelado em meio às montanhas
dilapidadas distraio meu
corpo minhas mãos
cansadas

da água do
rio do sol sempre
quente guardo só
saúde sempre
inútil

valadares não é sequer um retrato

amor
para Bianca

de tantos tons do cinza
azulado à claridade
ofuscante do meio
dia de infinitos

matizes da sombra
esverdeada ao mais
espesso
negrume

feito o dia que não
se entrega enquanto
adormece nem a noite quando

inteiramente
escurece

enquanto toco te somente
tênuos murmúrios meus
olhos se
fechando

perdão

eu choraria. eu talvez choro.
o amor é de si insanidade.
Ana Lúcia Nogueira

eu diria amor não
fosse a angústia das
noites a cegueira da luz
matinal diria não

fosse a pele
puída os
olhos
embaçados

eu diria amor não fosse a solidão
das lágrimas inúmeras
tardes lentas diria não

fosse tanta distância tua
falta absoluta de
palavras

ecos

umidade pálida nas
paredes vozes oblíquas um
pouco de
poeira no criado
mudo teu
sorriso em meus
olhos

os dias seguindo as
noites

entre abertos teus
olhos sussurram luas dentro
de mim semi

cerrados teus
lábios incitam
furacões na minha
pobre
periferia

nos teus silêncios arde
todo meu
corpo

biografia XXII – incorrigível

talvez eu
tenha exagerado oferecendo meu
corpo tão desprotegido tanta
dor
derramada ou me

enganado com teu
sorriso e esquentado a
cama onde sonhavas longe ao
meu
lado

talvez eu tenha te
assustado esperando
te toda tarde aos pés da
porta a casa cheirando a
saudade o

amor escorre entre as
horas amargas os
carinhos
sôfregos
dos dias

sob o cobertor

em meu corpo o
teu no
abrigo escuro a
névoa úmida desfaz se de
vagar

entre nós mais
nada

incógnitas

ofereço a ti enquanto a
tarde finda dentro
de mim meu
vasto
silêncio

nele talvez a
música que desejas
ouvir as clandestinas
inscrições por
decifrar

quem sabe meu
mundo todo pelo
menos uma ou
duas veredas
toscas

doação
para Soledade

nunca te pensei porto para rotas
embarcações apenas caminho
compartilhado nunca te
quis guia dos meus inúteis

combates comigo
mesmo somente par nas
incompreendidas
saudades

havia tanta coisa a
fazer nesta terra
inclemente de mãos
dadas e quando a

noite se desfez nossas
frágeis palavras enfim encheram
se de
asas

biografia XIX - caminho

como esperar alguém que se
espera como se
ama alguém que
se
ama

quando foi que tudo se
turbou como os
dias ficaram
tão
tristes

por que custa tanto o
amor por que as
ruas não me
levam
mais onde

eu
queria
mesmo
ir

nada me encanta

o abismo que encontro
em mim só
não é maior que o
vazio que enfrento lá
longe

as palavras permanecem à
mão apenas não
há
nada

pra dizer

suave

a beleza é quando me tocas
Cláudia Caetano

se na tua noite curta couber
ainda sonho busca nos
olhos
estrelas
desamparadas

se no teu dia
rude restar ainda
sonho cobre
de carícia as faces rubras do
sol

sê branda quando penetrares minha
dor leve quando
assomar
o
dia

ao teu lado meu
corpo sossega feito um
afago uma
morna
lembrança

remoto

tão ausente que não
te encontro mais nos meus
versos tão
pouco no teu
toque

não te vejo não
te toco
não

tão distante que meu
corpo a
ti não se
sabe
mais

abrigos

na clareza quase
obscena dos dias busco um
pouco da
sombra de teu olhar nesta

algazarra ensurdecadora um
pouco do silêncio do
teu
colo

na tua ausência recupero o
calor de teu
abraço na inafastável

distância re
construo tua
presença

monólogo
para Soledade

4 ou 5 versos sem
destino o inútil
resvalar dos lábios no
nada

minha ternura toda
desperdiçada

biografia XX – futuro

meu pai ensinou as profundidades
dos rios e suas inúmeras
margens

minha mãe o nome o
corpo o cheiro da
solidão

a distância irrecuperável das estradas
poeirentas e um mundo
inteiro de
ausências

as âncoras e os modos
humanos de se
entrelaçarem as
mãos ainda
procuro

tardes
para Adrilene

horas insípidas pálidos
sabores luzes para
sempre desvanecidas

nem tanto o tempo cruel a crua
distância tombaram sobre
as
tardes

lembranças inaudíveis em
redor incansável e solitário
pó

nem o tempo nem
a distância apenas a límpida
certeza
do
fim

vespertino

por ventar nas
folhas secas o
dia levou tuas
sombras por

chover nas pedras
escorregadias a
noite achou
me na

janela atado aos
sonhos naturalmente eu

me
encontro

biografia VI – retorno

meu pai viajava tão
de manhã que os dias jamais
terminavam longos cheios
de uma enorme solidão onde minha
mãe
se perdeu

ainda hoje não
aprendi como sentir nos
fins de semana a
felicidade
voltar

seco

acercio me de tuas águas arrisco
minha dor tento
romper a angústia acolher no meu teu
corpo

entre a noite e nosso
desejo instala-se todo o
oceano

acomete-me a vertigem de teus
silêncios rodeado de tua
ausência tombo sem
qualquer

barco

degredo
para Elaine

teus olhos mares
de inexatidão tua
boca de novo ador
mecida

tua pele toda
esquecimento teu
corpo horizonte
enegrecido

não há pouso
para esta
dor

estrelas

tenho todas as noites em meu
corpo desde que foste
embora e nelas brilha nem
uma
estrela

troquei a luz
de teu sorriso pela sombria
vertigem de meus
sonhos minhas

mãos perderam-se em enormes
vazios manchei-me
inteiro de tua
saudade

em
mim nada
arde

declives

(...) a arte da perda não custa mesmo a aprender. É só
deixar-se ir...

Soledade Santos

entre versos e
noites serra abaixo caminha meu
corpo entre

linhas sobre
pedras fluem minhas
dores

arruinam se os olhares nas
horas que se espalham
lentas nas
ladeiras

e se refazem antes do dia
clarear

biografia XXVIII – filhos

recosto me no sofá aos
meus pés alice devora os
dias amontoados em
livros

o seu abraço refaz em
mim todo
o
mundo

no quarto dos fundos um enorme
homem criança encara a
vida com corajosos olhos
frágeis

o seu sorriso faz
me permanecer
acreditando

o silêncio ainda
é a matéria
prima da
poesia

entrega

no ar parado do apartamento
vazio ressoam as vozes
os sorrisos

desencontrados ventos

dois quartos duas
camas à espreita dos
cheiros dos sonhos de
pedro e
alice

um silêncio manso penetra as
paredes
duas janelas duas cadeiras à
espera dos risos dos
olhares de
pedro e
alice

um abraço vasto roça a
porta

biografia XXX – ninguém

as palavras que me
rodeiam já não se
reconhecem em meu
corpo quando
falo nada
ressoa

já não me bastam as
vozes que nem querem
mesmo se
ouvir a

balbúrdia dos
poemas saídos do
nada pra lugar
algum

o peso solitário do
infinito me
atropela o
vazio se espraia por
dentro e por
fora

há alguém ainda por
aqui

nenhum

o mar daqui quase não
se vê o céu as
árvores daqui quase

não se
escutam os jardins as
estrelas aqui
se

escondem na
poeira das
noites daqui o
sol quase não

se põe
ninguém
pode

me
ouvir

biografia I – rio

sou da beira
rio das águas que mais de uma
vez solaparam as
margens da
noite

sou do rio e me
repito todos
os dias na demanda
vã
do mar

indícios

dedos lentos ao
violão uma magra
luz na cama dois
ou 3 livros
silêncio

entre

desespero e
solidão

apto

quando a gota
d'água pingou da
torneira rompeu-se inteiro o
silêncio do
mundo

mas apenas os grãos de
poeira assustaram
se

biografia XVII – testamento

não há dor que não me
tenha consumido olhos em
que não tenha me
perdido

sonhos que não tenha
parido morte não
acolhida

não há ardis em que não
tenha caído escuridão que
não tenha me
tomado rios que não

tenham nas
minhas mãos
secado

indelével

abro e fecho os
olhos insistente e
lento enquanto passas vez
em
quando

ainda te
sinto quando
adormeço

final

Que posso eu fazer senão escutar o coração
inseguro dos pássaros, encostar a face ao rosto lunar
dos bêbados e perguntar o que aconteceu.

Eugénio de Andrade

acordo e já não pergunto onde
estás aceito o exíguo
carinho que me
cabe

sento me a ouvir e nem
pergunto mais apenas
permito que saias

lentamente

de mim

dois

leva suas marcas da minha
vida volta enquanto há pães no
forno calor na nossa
cama

enquanto meus braços se
guardam pra você leva seu
corpo desaprendido do amor seu
riso enquanto existe
dor para
amparar

leva o brilho do meu
desejo a cor de tua
voz desaparece logo
volta

velar

antes do sono escuto os
silêncios presos nos
armários e confio todo
fim de

noite que o sol não
se esquecerá de
amanhecer na
casa quase

vazia a luz frágil acalenta o
sonho dos que já se
foram e
cada

pedra da
praça ampara as
brincadeiras das
crianças

biografia XVIII – infância

todos os sonhos trepavam
nas árvores jogavam futebol
na
rua no

quintal cabia o mundo
inteiro os monstros as
histórias de mocinho e
bandido

o velho fusca ia e
vinha estradas estradas a
fora e o odor

branco das minúsculas
flores do
limoeiro persiste ainda

estou cercado de
castanheiras

alicerce
para Sandra Baldessin

tocar-te na
bruma antes que me
desfaça aprender

te raiz na cerração mais
escura achar te onde

ninguém nunca
conseguiria

biografia XI – raízes

do limoeiro que cedeu
espaço aos carros do rio que rompia as
margens lamacentas às

montanhas desfiguradas da fonte
escura onde meus
avós beberam às

manhãs insones dos abraços
do filho sob as
cobertas aos olhos

azuis do meu pai dos
gritos da mãe ao futebol
na rua todos

os dias aos
dias de vã
poesia

morada

quando esqueceres minha
voz ouça a
brandura silenciosa de
minhas
mãos e no

escuro meus
olhos não
mais brilharem recorda o
repouso de nossos
sonhos

quando velares tuas
noites acolha-te do
lume de meu
corpo e o

vento ameaçar teus
castelos agarra-te às
canções de nossas
manhãs

pertence a
ti o amor que
me
sustenta

verbo

chama-se mar a líquida
imensidão de teus
olhos sol a
incandescência de tua
voz nos
meus
vazios

chama-se brisa a carícia
branda de tua
boca fogo a
ardência de teu
corpo longe
do
meu

ignoro o nome desta ausência
doída que me preenche
os
dias

solidão

no quarto
escuro o mundo era tua
boca ardendo teu

desejo roendo minhas
pernas

meu mundo subia pelas
paredes esboroava se no
teu

corpo ardia feito
sol

na tarde clara a
noite permaneceu acesa no
meu
rosto

biografia XIV – península

mar era novidade sempre
refeita corpos
quentes largados na
areia

planície de cor
indefinível memória
crua dos
vales

era completa ausência silêncio
indevassável esperança das
serras
embrutecidas nossa

única companhia

patrimônio

para Alice e Pedro

a cor dos olhos
molhados de sol o
vento leve na
manhã um

sorriso no fim da
tarde a
brandura das horas
mornas as

infinitas confidências da
pele a
claridade da madrugada o
silêncio

do

poema

biografia XVI – meninos

entre a casa e o
grupo escolar ruas
praças avenidas e
árvores tudo muito
enorme

mas vazio e quase
silencioso

desses silêncios que
carregamos para
sempre

poeta
para Sandra Baldessin

corpo exposto feito fruta
despedaçada flor que
medra em escarpas
áridas tua
dor doendo em meu
colo

arcaico

escorre a dor do
meio
dia no
corpo goteja

inclemente no
solo desta
terra
inóspita

a lua rasa jamais
encobriu os
talhos das
mãos

infiel

no meio da
noite fulgura inteiro o
sol no
teu
corpo

não há lua
que
perdoe tamanho
desejo
furtivo

melodia

um pouco de sol ainda
clareava a tarde quando a chuva
fina enxagou a
poeira do
dia

e dormias sob os
lençóis

de madrugada fez se um
silêncio de nuvens
leves e a
lua rebrilhou nos meus
olhos enquanto

dormias sob os
lençóis

a manhã esbateu se
morna sobre as
janelas e o sol
discreto arrastou se em teus
pés e ainda

dormias

velando te meu
amor recostou se em teus
sonhos enquanto

dormias

horas compridas

entre coisas
tantas sem

sentido não
encontro
lugar

nenhum

adormeço como
anoiteço

dias demasiado
compridos

a carne inutil
mente exposta

a vida esgotada

nuvens

quando achares sobre a
mesa o poema que fiz
pra ti estarei bem
longe

mas não
olhes para
trás

por séculos meus
versos ainda
falarão de tua
presença

porém a
poesia dissipou se de nossos
olhos

fantasia

teu sorriso lua
infindável da minha enorme
perdição

quando todas as estrelas se
recolheram

teu poema se desenhando nas
memórias do meu
corpo

quando a noite inteira já
adormeceu

teus braços nossa
praia
deserta

quando já não há mais
porto

apenas
para Leminski

um verso
perdido um pedaço de
fotografia
escondida

a noite excessivamente
longa uma ardência
fria

uma lua sem
sorriso uma canção
emudecida um caminho
só

o corpo dolorosamente
silencioso um enegrecido
deserto sinais

de nós quando já
não
estamos

mar

No sol de mar do céu...

João Cabral de Melo Neto

presença líquida de serras e
vales todas as
manhãs na espuma
embranquecida

solidão de tantas
profundidades vastos
silêncios
enluarados

planície infinita azul
mudando em verdes e cinzas
anoitecendo
lento

cadente

Mas a distância existe.
De quanto me acende os dias
tão pouco posso contar. E mingua
no silêncio com o tempo.

Soledade Santos

entre um dia e
outro entre dois sorrisos
mudos
escorro
devagar

à noite a chuva
mansa lava meu
corpo das
tardes
insípidas

apequeno-me faço
me escasso torno-me
puro
segredo

biografia XV – 43

ainda a mesma
janela o mesmo rio que não
leva pro mar o limoeiro

morto as vastidões sem
sentido os vales ainda
espalhando se

a mesma estrada
esburacada a mãe sozinha o pai sempre
longe os mesmos

sonhos infantis o lote
vago ainda o mesmo
vazio

essência

toda vez que fico
triste lembro me das ausências de meu
pai e da solidão de minha
mãe sempre que

me perco lembro
te chamando os nomes
invisíveis das nuvens e dos
pássaros engaiolados

toda vez que me alegro ri
em mim o sorriso de alice as
melodias brandas de teu
olhar sempre

que adormeço inundo
me de teus braços da
vertigem desnuda de teu
corpo

biografia VIII – ilusões

quem de mim se
encontra nestes cabelos
brancos quantos ainda
choram pela
manhã

quantos de mim me
compartilham quem dentre os
que permanecem ainda
me
habitam

no olhar
espesso na pele toda
machucada quem não

sucumbiu a tantas
noites
vãs

intransponível

de teu olhar
raivoso nenhum
poema teu
grito
ardido nenhuma
carícia

mares imensos desertos
inabitáveis solos para
sempre
incultos

desvios

Não fugir. Suster o peso da hora
(...)
Sem pressa atravessar a asfixia.
Não vergar. Suster o peso da hora
Até soltar sua canção intacta.

Cristovam Pavia

reinventar as ruas cada
vez mais
vazias as janelas sempre
fechadas

esquecer todos os
tons das palavras inter
ditas os sorrisos
duvidosos

consentir ainda que o corpo
morra abrir-se mesmo
que para o
nada

sombra

a paixão espreitou minha
porta sorriu com teus
olhos fez me ouvir tão

perto tua
voz
distante ventou

impetuosa nos galhos das
árvores esqueceu se nos teus
cabelos assustou meus

pássaros que de
repente fugiram
de ti a

paixão aqueceu meu
corpo e sumiu mansa
mente

acervo

permanece em
mim a brisa do teu
sorriso feito
sonho o

roçar de teu
hálito íntima
ardência

qual raiz o
cheiro de teu
adormecer em
mim o

rumor de teus
cílios quietude de
lago

grãos

abandonaste os caminhos que
percorríamos próximos a
luz que nos
encantava

os sentidos que procurávamos um
no outro nossos quase
invisíveis
rastros

deixaste a casa de nosso
nascimento o solo
morno das nossas
canções as

estrelas vagando sem
pouso todos nossos
rios
murchos

carregaste contigo minha
poesia

desamparo

e como não havia mais
palavras nutri me dos céus de
brasília do sangue
escuro de ouro
preto

teus silêncios refizeram se em meus
gritos tua
voz ausente esvaziou
se em
mim

e como nada me dizia coisa
alguma teu
sorriso recriou se em
mim tua
poesia perdeu

se
na
minha

noturno

um resto de
poema escorrendo dos teus
olhos

emudecido

confissão

todo poema é um risco
lançado sobre o
nada todo
poema ceifa completamente o
corpo

em cada angústia
vespertina arrisco todos
meus poemas naufrago na
carne
devastada